

SUMÁRIO

1 - ANTROPOLOGIA GERAL	3
1.1. CONCEITOS GERAIS	3
2 - ANTROPOLOGIA CULTURAL	6
2.1. CONCEITUANDO CULTURA	6
2.2. SENTIDOS DE CULTURA	7
2.3. OBJETO DA ANTROPOLOGIA CULTURAL	9
2.4. ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO	9
2.5. ETNOTEOLOGIA	9
2.6. COSMOVISÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	10
3 - MITOS E TEORIAS DA CRIAÇÃO	10
3.1. A NARRATIVA MITOLÓGICA	10
3.2. MODELOS DE MITOS COSMOGÔNICOS	11
3.3. A TEORIA BIG BANG.....	14
4 - A BÍBLIA E A CRIAÇÃO	17
4.1. COMO A CRIAÇÃO BÍBLICA É CONSIDERADA?.....	17
4.2. A TEORIA GEOLÓGICA DA CRIAÇÃO (TGC).....	17
4.3. A TEORIA DA LACUNA	18
4.4. EXPOSIÇÃO BÍBLICA DA CRIAÇÃO	18
4.5. OS DIAS DA CRIAÇÃO	19
4.6. A REVELAÇÃO DE DEUS E A CRIAÇÃO	20
4.7. ATIVIDADE DE DEUS NA CRIAÇÃO	21
4.8. O PROPÓSITO E O ALVO DA CRIAÇÃO	21
5 - TEORIAS DA ORIGEM DO HOMEM	21
5.1. A TEORIA DA EVOLUÇÃO	21
5.2. PASSANDO A LIMPO A TEORIA DA EVOLUÇÃO	24
5.3. POR QUE A TEORIA DA EVOLUÇÃO É AMPLAMENTE ACEITA?.....	26
5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5.5. TEORIAS CRIACIONISTAS	28
5.6. TIPOS DE CRIACIONISMO.....	28
6 - A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM	32
6.1. DESCRIÇÃO BÍBLICA.....	32
6.2. A DOCTRINA DA NATUREZA DO HOMEM	32
6.3. A METAFÍSICA DA CRIAÇÃO DO HOMEM	35
6.4. FUNÇÕES RESPECTIVAS DO CORPO, ALMA E ESPÍRITO	36
7 - A QUEDA DO HOMEM	41
7.1. A OCORRÊNCIA DA QUEDA	41
7.2. ESPÍRITO, ALMA E CORPO APÓS A QUEDA	44
8 - O HOMEM SOB TRÊS ASPECTOS	46
8.1. O HOMEM NATURAL.....	47

8.2.	O HOMEM ESPIRITUAL (1Co 2.15).....	47
8.3.	O HOMEM CARNAL	48
9 -	A ORIGEM DA ALMA E DO ESPÍRITO DO HOMEM	48
9.1.	TEORIA DO PRÉ-EXISTENCIALISMO	50
9.2.	TEORIA DO CRIACIONISMO	52
9.3.	TEORIA TRADUCIONISTA.....	52
10 -	ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA.....	54
10.1.	A AÇÃO CRIADORA.....	54
10.2.	A CRIAÇÃO E A TRINDADE	54
10.3.	O MOTIVO E O FIM DA CRIAÇÃO.....	55
10.4.	A PROVIDÊNCIA	55
10.5.	A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO.....	56
10.6.	AS CRIATURAS INVISÍVEIS, OU ANJOS	57
10.7.	O HOMEM	58
10.8.	O HOMEM E A MULHER	58
10.9.	TRANSFORMISMO, POLIGENISMO, MONOGENISMO	58
10.10.	JUSTIÇA ORIGINAL	59
10.11.	A QUEDA.....	59
11 -	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59

1 - ANTRPOLOGIA GERAL

Por mais isoladas entre si que tenham vivido as diferentes sociedades humanas sempre souberam, salvo raríssimas exceções, que além de suas fronteiras havia “outros homens”: homens que viviam de forma diversa, cuja pele era talvez de outra cor, que não adoravam os mesmos deuses, que pensavam de outra maneira. A curiosidade de conhecer esses homens e povos “diferentes” motivou o nascimento da antropologia, que atualmente não estuda apenas “os outros”, mas todos os seres humanos.

1.1. Conceitos Gerais

Entre as muitas ciências que têm por objeto o ser humano, a antropologia – “ciência do homem”, segundo a etimologia – o estudo do ponto de vista das características biológicas e culturais dos diversos grupos em que se distribui o gênero humano, pesquisando com especial interesse exatamente as diferenças.

O nascimento da antropologia como ciência ocorreu a partir dos grandes descobrimentos realizados por navegadores e viajantes europeus. A curiosidade de conhecer povos exóticos, de saber como viviam e pensavam homens de culturas tão distantes da europa, de descobrir que aspecto físico e que costumes tinham, levou à classificação e ao estudo dos dados recolhidos “in loco” – isto é, no lugar de origem – por exploradores, comerciantes e missionários chegados àquelas terras longínquas.

Os primeiros antropólogos tinham como característica comum a distância do objeto de seu estudo, o qual consistia sempre em homens pertencentes a culturas distintas da europa e dela geograficamente afastadas. A moderna antropologia, no entanto, estende sua pesquisa às sociedades industriais e até mesmo às grandes concentrações urbanas. Mas seus instrumentos de trabalho se foram aos poucos delineando justamente no estudo das sociedades “primitivas”, mais simples e com um processo de mudança menos vertiginoso que o das sociedades modernas.

Com frequência, os antropólogos do século XIX relacionavam as características biológicas dos povos com suas formas culturais. Mais tarde, estabeleceu-se que os traços biológicos e os culturais tinham menos ligação entre si do que se acreditava. Isso levou a uma primeira subdivisão das ciências antropológicas em antropologia física e antropologia cultural, esta última comumente assimilada ao conceito de etnologia.

Desde a segunda metade do século XIX a antropologia cultural começou a ser considerada uma ciência humana, com as limitações e ambigüidades próprias dessa categoria científica, enquanto a antropologia física continuou desenvolvendo seus métodos de trabalho – medição e estabelecimento de correlações entre as medidas encontradas – como uma ciência natural. Hoje os dois campos estão totalmente diferenciados e poucos são os pesquisadores que trabalham ao mesmo tempo em ambos.

A. Antropologia e Outras Ciências. Duas disciplinas muito relacionadas com a antropologia são a arqueologia pré-histórica e a lingüística. A arqueologia, necessária para conhecer o passado das sociedades, pode esclarecer em grande escala seu presente. A terminologia arqueológica, anterior à da antropologia, proporcionou a esta última muitos vocábulos úteis. Por outro lado, a própria antropologia é útil à arqueologia, na medida em que estuda ao vivo sociedades muitas vezes semelhantes – por exemplo, no desconhecimento dos metais – a outras já desaparecidas, sobre as quais pode lançar abundante luz.

Também a lingüística é de grande importância para a antropologia, não só porque o conhecimento do idioma se faz necessário ao antropólogo nas pesquisas de campo, isto é, feitas no local de origem, mas também porque muitos conceitos elaborados pelos lingüistas são fundamentais para a análise de determinados aspectos das sociedades: por exemplo, a concepção da sociedade como uma rede de comunicação, a análise estrutural ou a forma em que se organiza a experiência vital do sujeito de uma comunidade em estudo.

A sociologia, por sua vez, pode até certo ponto ser considerada uma “irmã gêmea” da antropologia. Em princípio, o que distingue as duas ciências é o objeto de seu interesse: enquanto o sociólogo se dedica ao estudo das sociedades modernas, o antropólogo comumente pesquisa as sociedades primitivas, embora o estudo das sociedades coloniais e

de seu rápido processo de aculturação e modernização social tenha desenvolvido um campo intermediário no qual fica difícil estabelecer os limites entre o trabalho sociológico e o trabalho antropológico. Nesse terreno intermediário surgiu a chamada antropologia social.

O desenvolvimento da psicologia permitiu à antropologia cultural utilizar novas bases para o estudo da relação entre o indivíduo e a sociedade em que vive, da formação da personalidade e de outros aspectos que interessam igualmente às duas ciências. A psicanálise, em particular, impulsionou o desenvolvimento do conceito de cultura a partir de novas bases.

A história proporcionou aos antropólogos muitos dados impossíveis de obter pela observação direta, assim como a antropologia pôs à disposição dos historiadores novos métodos de trabalho, como os que se aplicam à análise da tradição oral.

Quanto à geografia humana, coincide com a antropologia na importância que atribui aos diferentes usos do espaço por parte do homem, à transformação do habitat natural etc. Ambas as ciências estão, além disso, relacionadas com a ecologia humana. Não é de estranhar que muitos dos primeiros antropólogos tenham vindo do campo da geografia.

B. Quem é o Homem? “Que é o homem, para que faças caso dele, para que te ocupes dele, para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento?”; “O homem é a medida de todas as coisas”; “Muitas são as coisas grandiosas dotadas de vida, mas a mais grandiosa de todas é o homem”. A primeira dessas três frases é uma das perguntas que Jó dirige a Deus; a segunda, uma reflexão do pensador grego Protágoras; e a terceira, uma fala da tragédia Antígona, de Sófocles. A elas poderiam reunir-se milhares de outras sobre o mesmo tema, de todas as épocas e civilizações, o que mostra que nada preocupa tanto o homem quanto a condição humana, e nenhum espetáculo é mais atraente para o homem do que o próprio homem.

Em sentido amplo, homem é qualquer membro da espécie humana. Assim ele é entendido pela filosofia e abordado, em cada um de seus aspectos particulares, pela biologia, antropologia, história, medicina e outras disciplinas que o têm por objeto. A tarefa de definir homem consiste em procurar respostas para algumas perguntas essenciais: qual a natureza ou a essência do homem? Como se distingue ele dos outros seres orgânicos, especialmente dos animais superiores? Essa distinção é essencial e absoluta, ou apenas uma variação de grau? Qual o lugar do homem no mundo? Qual sua missão ou seu destino? Como se relaciona com Deus ou com absoluto?

C. Abordagem Filosófica. A noção ocidental de homem como indivíduo tem como ponto de partida o pensamento grego. Para Sócrates e Platão, cada ente só pode ser definido se todos os seres do universo estiverem classificados segundo certas articulações lógicas e ontológicas. Definir um ente consiste então em tomar a categoria à qual ele pertence e situar essa categoria no lugar ontológico que lhe corresponde. Esse lugar ontológico é determinado por dois elementos de caráter lógico: a categoria próxima e a diferença específica. Por eles se chega à definição de Aristóteles: o homem é um animal racional. Animal é a categoria próxima, na qual se inclui o homem; racional é a diferença específica, por meio da qual se distingue conceitualmente o homem dos outros animais. Para a filosofia grega, o homem é um “ser racional”, ou melhor dito, um animal que possui razão. Essa definição implica dizer que o homem é uma coisa cuja natureza consiste em poder dizer o que são as outras coisas. Ou seja, a razão permite ao homem definir-se e definir o conjunto do universo.

Os gregos admitem que o homem tenha sido “formado”, e também que sua formação tenha obedecido a condições especiais em relação aos demais seres, mas rejeitam a hipótese da criação. A visão do homem como ser criado é comum ao judaísmo e ao cristianismo e exerceu forte influência sobre todas as concepções filosóficas relacionadas com essas religiões e também com o islamismo. O homem seria, então, uma criatura, ou seja, um ser cuja realidade não é própria, mas que foi criado “à imagem e semelhança de Deus”, o que lhe confere superioridade em relação aos outros seres. Para os gregos, o homem vive em dois mundos: o mundo sensível, que ele apreende pelos sentidos, e o mundo inteligível, que apreende pela razão, e onde se confirma sua realidade como ser racional.

Na concepção judaico-cristã, o homem também se acha suspenso entre dois mundos: o finito e infinito, o que opõe em uma mesma natureza a insignificância e a imensa grandeza. Afirma Pascal que “a natureza do homem pode ser considerada de duas maneiras: